

Apoio de Marzagão (esq), comoveu o presidente Sarney, numa posse prestigiada pelos ministros da Casa (Couto entre eles)

24 JUN 1989

Sarney: Carta provoca conflito

CORREIO BRAZILIENSE

“Adverti sobre a ingovernabilidade do País, quando estava sendo feita a Constituinte. Está evidenciado tudo o que antecipei: o Executivo passa todo o seu tempo preparando medidas provisórias e o Legislativo gasta todo o seu tempo votá-las, e não consegue”.

Esse desabafo é do presidente José Sarney, ao repórter do **CORREIO BRAZILIENSE**, ontem no Palácio do Planalto. Ainda convalescendo de uma forte gripe — a primeira em seu Governo — Sarney, depois da solenidade de posse do jornalista Augusto Marzagão na secretaria particular da Presidência, em conversa informal, teceu comentários sobre os riscos do choque de poderes entre o Governo e o Congresso.

“Adverti o País sobre a grave ameaça representada pela definição dada pela Constituinte ao regime presidencialista, que na verdade está levando a um conflito entre os poderes. Foi criado um sistema que na prática não funciona. Amarrou um e outro poderes. O Executivo é obrigado a emitir medidas provisórias até para liberar preço de vinagre. Já assinei cerca de 75 medidas”.

Dando a entender que aprova a antecipação de uma consulta nacional sobre a introdução do regime parlamentarista, e ao ser indagado sobre a proposta do ex-presidente Jânio Quadros para a realização de um plebiscito coincidente com o primeiro turno da eleição, o Presidente manifestou opinião de que o prazo de 5 anos

para a revisão constitucional mostra já ser inviável. O futuro presidente da República, eleito por algumas dezenas de milhões de votos, terá logo à sua frente um conflito entre o Executivo e o Legislativo, caso não se equacione politicamente uma saída, considera Sarney.

Se permanecer o atual quadro, o Congresso pensará que é Executivo, e ao Governo não será dado pensar em nada: só emitir medidas provisórias. Deve haver uma interpretação correta do papel dos dois poderes, acrescenta o Presidente. No parlamentarismo, o poder Legislativo não substitui o Executivo nas ações de governo, mas apenas forma o gabinete e indica os ministros. O Executivo conserva os poderes de

dissolver o Congresso quando ele perder sua confiança.

É evidente que o chefe do governo não terá como enfrentar o confronto entre os poderes, na eventual formação de um impasse. O que Sarney quer é chegar às eleições em condições de estabilidade e governabilidade, e pouco depois passar a faixa a seu sucessor. Estará complementada uma complexa obra política de uma transição sem sangue — como na Espanha — ou sem prontidão militar — como em Portugal ou Grécia.

O Presidente da República demonstrou estar bem informado sobre a saída preconizada pelos empresários para a crise, através de suas últimas reuniões em Brasília.